



**Fundação Presidente Antônio Carlos FUPAC/UBÁ Graduação em
Psicologia**

**LUDOTERAPIA NO PROCESSO DE HOSPITALIZAÇÃO:
PROMOVENDO O BEM-ESTAR INFANTIL**

Play therapy in the hospitalization process: promoting child well-being

Bruna Aparecida de Freitas Batista¹; Lucimar Freitas de Amorim².

¹Discente do curso de graduação em Psicologia da Faculdade Presidente Antônio Carlos - FUPAC/Ubá.

²Psicóloga. Especialização em Neuropsicologia Clínica e Educacional; Estimulação Precoce e Docência Superior; Psicomotricidade; Psicologia Hospitalar e da Saúde; Professora do curso de Psicologia da Fundação Presidente Antônio Carlos – FUPAC/Ubá.

RESUMO

A ludoterapia exerce um papel extremamente importante no processo de recuperação da criança hospitalizada. Neste contexto, a Psicologia contribui significativamente para a assistência humanizada dos pacientes e familiares. Sendo assim, este trabalho teve como objetivo analisar a contribuição da ludoterapia para a diminuição de angústias e do sofrimento decorrente da hospitalização. O método utilizado para a realização do trabalho foi a pesquisa bibliográfica, através das bases de dados Google acadêmico e SCIELO. Frente ao exposto, este estudo apresenta um breve histórico da garantia de direitos da criança hospitalizada, a importância do brincar para sua recuperação e a ludoterapia enquanto possibilidade de intervenção da Psicologia hospitalar junto ao infante. O trabalho ressalta, também, o lúdico no ambiente hospitalar como essencial e terapêutico, na medida em que a criança pode externar suas emoções, socializar-se com outras pessoas e desenvolver-se. Pode-se observar que essa modalidade de intervenção favorece o alívio do sofrimento mental e físico, com utilização de um vasto aparato técnico e com atividades lúdicas, permitindo que a criança expresse sua essência através do brincar.

Palavras-chave: Criança hospitalizada, ludoterapia, brincar, recuperação.

ABSTRACT

The play therapy is an extremely important role in the recovery process of hospitalized children. In this context, Psychology contributes significantly to the humanized assistance of patients and families. Therefore, this work aimed to analyze the contribution of play therapy to reducing anguish and suffering resulting from hospitalization. The method used to carry out the work was bibliographic research, using the Google Scholar and SCIELO databases. In view of the above, this study presents a brief history of guaranteeing the rights of hospitalized children, the importance of playing for their recovery and play therapy as a possibility for hospital psychology to intervene with infants. This paper also highlights play in the hospital environment as essential and therapeutic, as the child can express their emotions, socialize with other people and develop. It can be observed that this type of intervention favors the relief of mental and physical suffering, using a vast technical apparatus and playful activities, allowing the child to express their essence through playing.

Keywords: Hospitalized child, play therapy, playing, recovery.

Correspondência:

Nome: Bruna Aparecida de Freitas Batista

E-mail: brunabattista26@gmail.com

INTRODUÇÃO

O Estatuto da Criança e do Adolescente [ECA] garante a atividade lúdica como um direito da criança, um dever do Estado, da família e da sociedade (Estatuto da Criança e do Adolescente [ECA], 1990). Por meio das brincadeiras, a criança expande suas habilidades de linguagem, dos valores, da sociabilidade e da cognição, além de reproduzirem experiências passadas, ajudando-a a entender o que está vivendo e a diferenciar a fantasia do que é real (Alves et al., 2019).

Durante a hospitalização, não é diferente. O direito da criança precisa ser preservado, mesmo diante de todo processo variado de implicações que afetam várias áreas do indivíduo, originando mudanças de rotina, sujeição a procedimentos invasivos, afastamento da família e entre outros. Apesar do processo de hospitalização ser benéfico para a saúde da criança, ele acarreta ansiedade e desconforto para ela, provocando modificações em seu modo de brincar, que é o principal papel ocupacional da criança. Desse modo, a criança hospitalizada precisa estar em contato com o lúdico a fim de amenizar o impacto emocional, passar pelo processo de aceitação da hospitalização, acelerar sua reabilitação, promover o afeto com outras crianças e fortalecer o vínculo familiar (Alves et al., 2019).

As primeiras pesquisas deste campo de estudo tinham como foco as consequências negativas do adoecer e da hospitalização. Novos estudos tornaram possível a construção de técnicas para minimizar o sofrimento das crianças e de seus familiares. Uma das formas de acolher o sofrimento da criança hospitalizada é através da Ludoterapia, uma terapia voltada, principalmente, para crianças. Nela, o terapeuta estimula a criança a explorar os eventos da vida que podem afetar as circunstâncias atuais, por meio de brincadeiras. É utilizada como uma observação dos problemas que o paciente está enfrentando e que não consegue expressar em palavras. Assim sendo, por meio da brincadeira, a criança aprende maneiras de lidar com suas dificuldades e a redirecionar comportamentos inadequados (Barbosa & Crahim, 2019).

Após a aprovação da Lei nº 11.104, que afirma a obrigatoriedade de brinquedotecas hospitalares em instituições que possuem atendimentos pediátricos, é importante que os profissionais sejam facilitadores, oferecendo um ambiente onde as crianças possam exercer seus direitos sociais e educacionais, além de receber o suporte físico, emocional e sócio-cultural necessário durante a hospitalização. O surgimento das brinquedotecas hospitalares possibilitou que crianças, mesmo hospitalizadas, possam ter o direito de brincar e se desenvolver. Essas brinquedotecas, assim, têm sido objeto de estudo em diversas áreas do conhecimento, sendo a Psicologia a que mais se destaca nesse campo. Isso indica que esse tema ainda possui muitos aspectos a serem pesquisados. Os estudos sobre atividades lúdicas

no ambiente hospitalar estão longe de serem esgotados, o que demonstra a relevância de se realizarem mais pesquisas nessa área, pois essas ferramentas desempenham um papel importante na redução do sofrimento no ambiente hospitalar (Lima & Silva, 2019).

Partindo desse pressuposto, despertou-se interesse em compreender o papel da ludoterapia para crianças hospitalizadas e a contribuição dessa atividade na recuperação desses pacientes, já que o lúdico possui uma função marcante no decorrer do processo de internação da criança, auxiliando-a no desenvolvimento dos cuidados e cooperando no entendimento da hospitalização. Ao brincar, o paciente exprime seus sentimentos interpretando-os e ressignificando-os de acordo com o decorrer da brincadeira (Sampaio, 2022).

Salienta-se que as atividades lúdicas são essenciais tanto para o desenvolvimento infantil, quanto para o processo terapêutico, pois se constituem como um instrumento imprescindível para promoção do atendimento humanizado às crianças hospitalizadas. Essa terapia é capaz de diminuir os impactos negativos que a hospitalização pode ocasionar para o desenvolvimento das crianças que passam pela hospitalização, exibindo também suas inúmeras vantagens no enfrentamento dessa experiência, assim como para seus cuidadores e para a equipe médica envolvida (Barbosa & Crahim, 2019).

Desse modo, a relevância deste estudo justifica-se pelas implicações de como o papel da Psicologia, no contexto hospitalar, é essencial a ser desempenhado e contribui de forma significativa para a assistência humanizada dos pacientes e familiares. Isso porque a Psicologia busca realizar o acolhimento exercendo as intervenções de acordo com a individualidade de cada paciente durante todo o processo de hospitalização. Nessa perspectiva, o presente artigo pretende analisar a contribuição da ludoterapia para a diminuição de angústias e do sofrimento infantil decorrente da hospitalização.

DESENVOLVIMENTO

A criança hospitalizada e o brincar: garantia de direitos

A criança hospitalizada precisa estar amparada em seus direitos e a brinquedoteca hospitalar representa um dos espaços para que ela os exerça de forma social e educacional, além de apresentar um suporte que a criança necessita no momento da hospitalização. Vale ressaltar que a criança tem o privilégio de ser criança dentro do ambiente hospitalar a fim de que, ao mesmo tempo em que enfrenta uma enfermidade, esteja em processo de desenvolvimento (Vieira et al., 2023).

Diante disso, o Artigo 2º do Estatuto da Criança e do Adolescente informa que perante a lei, é considerada criança a pessoa com até doze anos de idade incompletos. A mesma deve usufruir de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral, assegurando-a por lei, ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, a fim de lhes conceber o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade (ECA, 1990).

Além do Estatuto da Criança e do Adolescente, o direito de brincar está previsto na Declaração Universal dos Direitos Humanos, aprovada na Assembleia Geral das Nações Unidas, em 1959, art. 7º; na Constituição Federal do Brasil, de 1988, art. 227; na Declaração dos Direitos da Criança, na Convenção sobre os Direitos da Criança adotada pela Assembleia geral da ONU, em 20 de novembro de 1989, que entrou em vigor em 1990, art. 31 e no Marco Legal da Primeira Infância, previsto na lei 13.257/2016.

Contextualizando a temática proposta neste estudo, vale ressaltar que, durante a pandemia, houve impactos na assistência pediátrica e barreiras que se intensificaram com a crise sanitária. A criança foi colocada em segundo plano com a redução na oferta de atendimentos e cuidados pediátricos, com falhas no cuidado integral em saúde. Além do isolamento infantil, devido às restrições de visitas e das atividades lúdicas, gerando violação dos direitos das crianças. Assim sendo, esse problema foi sucedido pela sobrecarga dos profissionais de saúde, consecutivamente a precarização da estrutura hospitalar, dificultando as condições de trabalho e tornando o cuidado pediátrico ainda mais desafiador. Estes entraves comprometeram a saúde física e emocional de crianças e familiares. (Santos et al., 2023).

É importante destacar as dificuldades enfrentadas pela advocacia em saúde no âmbito da pediatria. É verdade que as necessidades das crianças, muitas vezes, são ignoradas, ou negligenciadas, o que faz com que o trabalho dos advogados seja fundamental para garantir a proteção e o respeito aos direitos das crianças. A defesa em saúde no cuidado pediátrico desempenha um papel crucial ao trazer à tona essas questões e sensibilizar os profissionais de saúde sobre a importância de abordar as necessidades específicas das crianças. Isso ajuda a capacitar os profissionais a exercerem sua prática de forma ética. Investir em treinamento das equipes e promover a colaboração multiprofissional na formação de equipes de proteção à criança em serviços de saúde é uma iniciativa fundamental para garantir que os direitos delas sejam respeitados. Dessa forma, é possível criar um ambiente mais seguro e acolhedor para as crianças, onde suas necessidades sejam atendidas e seus direitos sejam protegidos (Santos et al., 2023).

Faz-se necessário, também, a importância da aplicação de políticas que abrangem práticas de cuidado, promoção da cultura de paz e proteção aos direitos infantis nos serviços de saúde. Estas medidas são essenciais para garantir um ambiente propício ao bem-estar e recuperação das crianças hospitalizadas. Além disso, os espaços físicos devem ser adaptados para atender às demandas das crianças, proporcionando conforto e segurança. A reflexão sobre as práticas de cuidado e as condições de trabalho também é crucial para garantir um atendimento de qualidade (Santos et al., 2023).

Diante da necessidade de reafirmar e valorizar o papel e necessidades da criança hospitalizada, o Congresso Nacional, em 2005, aprovou a Lei nº 11.104, na qual é obrigação dos hospitais brasileiros instalarem brinquedotecas em suas dependências, formando espaços físicos que tenham brinquedos e jogos educativos, destinados às crianças e seus acompanhantes. Essa conquista só foi possível mediante projetos em favor de uma maior humanização nos hospitais e do reconhecimento da importância dos brinquedos e do lúdico no tratamento de crianças e adolescentes. Esses esforços visam proporcionar um ambiente mais acolhedor para uma boa recuperação das crianças (Araújo et al., 2017).

Exposto isso, a Associação Brasileira de Brinquedotecas (ABBri) (1985) defende a brinquedoteca hospitalar como um espaço que proporciona um ambiente seguro e livre para brincar. É comum que profissionais de diversas áreas, como pedagogos, terapeutas ocupacionais, psicólogos, médicos, fisioterapeutas, enfermeiros e fonoaudiólogos, atuem nesse espaço. Essa multidisciplinaridade traz benefícios para todas as áreas envolvidas.

A ABBri também conceitua brinquedotecas como locais mágicos destinados ao brincar das crianças e alerta para o fato de que esses espaços não podem ser confundidos com um conjunto de brinquedos, ou depósito de crianças, pois a criação de uma brinquedoteca está sempre ligada a objetivos sociais, terapêuticos, educacionais, lazer, dentre outros. No entanto, é importante ressaltar que a brinquedoteca não deve ser utilizada como um centro de atendimento para todas as necessidades. É essencial seguir as diretrizes previstas na Portaria nº 2.261, de 23 de novembro de 2005, que define as normas para a instalação e funcionamento de brinquedos em unidades de saúde que oferecem atendimento pediátrico (ABBri, 1985).

As brinquedotecas hospitalares consistem em um lugar criado para facilitar a brincadeira como forma de promover a interiorização e a expressão de vivências da criança onde elas possam brincar espontaneamente e manifestar suas potencialidades e necessidades lúdicas. Uma brinquedoteca pode existir sem brinquedos, a partir do momento em que atividades lúdicas aconteçam. O espaço deve permitir a exploração, a manipulação dos

brinquedos, o brincar individual e em grupo, o brincar com movimento, brincadeiras com jogos e o brincar de faz de conta (Paula, 2022).

Também é importante destacar que a presença de uma brinquedoteca hospitalar não apenas promove o desenvolvimento global da criança, mas contribui para sua saúde emocional e bem-estar durante o período de internação. Ao fornecer um ambiente seguro e estimulante para o brincar, a brinquedoteca hospitalar se mostra como uma ferramenta efetiva na promoção da inclusão, na melhoria do quadro clínico e na criação de um ambiente acolhedor para crianças hospitalizadas (Vieira et al., 2023).

Por meio de espaços lúdicos dentro da brinquedoteca, habilidades diversas e criatividade serão estimuladas, sendo o brincar um fator essencial para a saúde mental da criança. Nesse contexto de doença e reabilitação, é fundamental compreender que não há como separar a humanização da totalidade que é a criança e que, neste momento em que ela se separa de seus familiares, desperta sentimentos de tristeza e saudade. Portanto, é crucial incorporar, nesse espaço, o atendimento à inclusão, fornecendo serviços psicológicos, sociais e culturais (Vieira et al., 2023).

A brinquedoteca tem como função, atualmente, gerar estímulos à criança hospitalizada, preservar a infância e suas relações socioafetivas. Porém, ainda há um pensamento persistente no senso comum, o qual vê a brinquedoteca como um ambiente destinado apenas à satisfação da criança, sem uma reflexão assertiva sobre a importância da brinquedoteca no desenvolvimento infantil e sobre como o brincar é importante para a recuperação da criança hospitalizada (Vieira et al., 2023).

O brincar e a recuperação da criança hospitalizada

O brincar, para crianças no ambiente hospitalar, é dividido segundo três principais funções: terapêutica, educativa e recreativa. Levando em consideração a extensão da temática, houve um aumento significativo na produção de estudos sobre esse tema nos últimos anos, o que evidencia o reconhecimento e a importância do brincar nesse contexto específico (Oliveira & Palmeira, 2018).

Dessa forma, é essencial oferecer à criança elementos que a ajudem a compreender que o ambiente hospitalar pode ser um lugar de experiências positivas. Ainda que contribua para a melhoria do seu estado clínico, o ambiente hospitalar pode proporcionar interação, socialização e diversão. Com base nessa apresentação, compreende-se que as atividades lúdicas têm o potencial de transformar o ambiente hospitalar em um local agradável e de fácil adaptação. Assim, essas atividades se configuram como instrumentos importantes utilizados

pelos profissionais de saúde para um atendimento humanizado às crianças hospitalizadas (Silva & Lima, 2018).

A recreação é uma forma de entretenimento, atividade que produz prazer, e é um elo integrador entre os aspectos motores, cognitivos, afetivos e sociais. É importante destacar que ela está presente tanto na função terapêutica, quanto na função de aprendizagem. Segundo Silva & Lima (2018) muitas vezes, o jogo terapêutico tem início por meio do brinquedo recreativo, que, inicialmente, desempenha a função de diversão. Esse aspecto recreativo é estendido à função terapêutica, permitindo que a criança processe emocionalmente as novas situações vivenciadas e, além disso, se desenvolva e se adapte a essas situações (Oliveira & Palmeira, 2018; Silva & Lima, 2018).

Vale salientar que as funções de aprendizagem e recreativas estão interligadas e não podem ser completamente separadas. No entanto, considerar as particularidades dessas funções é relevante para os profissionais que trabalham nessa área. A busca contínua pelo conhecimento nessa área demonstra os benefícios do brincar para uma melhor compreensão das necessidades das crianças. No contexto hospitalar, há uma atenção sobre o modo como os profissionais estão utilizando essas ferramentas. Portanto, é essencial atender não apenas às necessidades patológicas, mas também às necessidades psicossociais das crianças (Oliveira & Palmeira, 2018).

A hospitalização e o adoecimento são eventos desagradáveis. Dessa forma, exige de todos os incluídos, desde o paciente até os profissionais de saúde, paciência e capacidade para lidar com as consequências. Quando se trata do adoecimento e hospitalização de uma criança, a situação fica mais delicada, pois o infante se encontra em fase de desenvolvimento e ainda não tem recursos suficientes para entender e saber lidar com tudo o que está acontecendo em seu entorno (Barbosa & Crahim, 2019).

Diante dessa situação, a criança passa a ter sentimentos negativos, devido à falta de maturidade para compreender seu estado de saúde, bem como pelo fato de estar em um ambiente desconhecido e afastada do apoio de seus familiares e amigos. Ela sofre, portanto, influências prejudiciais que envolvem duas esferas: a da própria doença, através do processo de adoecimento, e a do agravamento do seu estado psicológico. Essa experiência pode despertar sentimentos de ansiedade, medo, abandono e culpa, e isso pode levá-la a comportamentos depressivos ou agressivos (Cesário et al., 2020).

Então, a partir do contato com as atividades lúdicas, o impacto emocional é amenizado, favorecendo a aceitação da hospitalização, acelerando a recuperação, promovendo o afeto com outras crianças, como também fortalecendo o vínculo familiar. O ato de brincar é

uma fase de extrema importância na vida de uma criança, capaz de modelar o desenvolvimento tanto físico, como verbal e intelectual. O brincar proporciona melhor desempenho na fala, estimula a interação, o relacionamento interpessoal, a aceitação de normas e proporciona um bem-estar de forma geral (Mota et al., 2019).

Durante toda a infância a criança se diverte de forma natural e espontânea. A brincadeira ocupa um lugar de destaque na vida diária das crianças, visto que o brincar, além de ser sua atividade principal, é de extrema importância no período infantil. Esse ato possibilita que as crianças descubram o mundo ao seu redor e se apropriem dele. Por isso, recrear é tão importante como se alimentar e descansar, pois, ao se divertir, a criança cria relações consigo mesma, com os outros e com o mundo. Ela faz uso da sua criatividade para decidir o que é para ela a realidade. Além disso, brincar consiste numa forma de a criança expressar os seus sentimentos e formar a sua personalidade (Muñoz et al., 2021).

O desenvolvimento da criança pode ser dividido em quatro grupos: desenvolvimento físico-motor, intelectual, afetivo-emocional e social. No tocante ao desenvolvimento afetivo-emocional, destaca-se o desenvolvimento de formas de lidar e reorganizar os sentimentos, diminuição de sentimentos negativos relacionados à hospitalização, maior vinculação aos pais e autonomia por parte das crianças adquirida através do fluir da imaginação em histórias de faz de conta, da utilização do brinquedo terapêutico, estímulo visual, auditivo entre outros (Lopes et al., 2018).

Ainda assim, a ludoterapia tem como objetivo preservar a saúde emocional da criança enquanto proporciona alegria e distração através do brincar; preparar a criança para a situação nova que irá enfrentar, levando-a a familiarizar-se com roupas e instrumentos cirúrgicos de brinquedo e através de situações lúdicas, enfatizá-las dos detalhes da vida no hospital e do tratamento a que vai ser submetida, dando continuidade à estimulação do seu desenvolvimento já que o processo de internação poderá privá-la de algumas oportunidades e experiências (Paula, 2022).

Diante do exposto, as brincadeiras, os desenhos, as pinturas, os jogos, as leituras, entre outras atividades, são imprescindíveis para o desenvolvimento físico, psíquico e social das crianças, pois representam a forma pelo qual elas se comunicam. Essas atividades transmitem valores, promovem a cultura e simbolizam informações. Com isso, permitem momentos de descobertas, estimulam a criatividade, a imaginação, a raciocínio, a autonomia, a reciprocidade, a persistência e a perseverança. Com a técnica de ludoterapia, a autoestima da criança se eleva, facilitando o processo de compreensão da doença, ao mesmo tempo em que se torna uma assistência humanizada para a criança (Silva & Lima, 2018).

Porém, é dever dos profissionais da área de saúde se prontificarem para que a criança receba toda a assistência necessária, colaborando para sua recuperação física e agindo socialmente no intuito de minimizar os impactos da hospitalização, permitindo a inclusão da família no novo ambiente para que a criança não se sinta sozinha e se desprenda dos medos diante da situação encontrada. É necessário que estabeleçam uma estratégia eficaz para normalizar o ambiente hospitalar o máximo possível e aumentar a sensação de controle da criança (Alves et al., 2019).

É importante que haja uma comunicação clara e efetiva entre a equipe médica e a família, para que todas as informações sobre o tratamento sejam compartilhadas de forma adequada e compreensível. Quando a família está envolvida de maneira cooperativa e participativa, ela pode contribuir ativamente no tratamento da criança. Isso inclui seguir as orientações médicas, administrar corretamente os medicamentos, participar das terapias e atividades propostas, entre outras medidas (Barbosa & Crahim, 2019).

Sabe-se que as crianças demonstram atitudes a todo o momento, antes da hospitalização, e, principalmente, durante esse processo, que são perceptíveis pelos cuidadores. Durante a hospitalização, a criança que tem a presença do seu cuidador no ambiente recebe suporte emocional e participa de técnicas de ludoterapia em prol de sua melhoria. Além disso, ela se sente mais segura e demonstra isso em seu comportamento emocional, trazendo consigo atitudes de casa, o que aprendeu e como se comunicar com outras pessoas, reagindo menos ao impacto do ambiente hospitalar, adequando-se melhor e brincando do mesmo modo que fazia em casa (Alves et al., 2019).

Ludoterapia da criança hospitalizada

A ludoterapia é reconhecida como uma ferramenta terapêutica importante, que pode ser uma grande aliada na recuperação da criança. Ela se apresenta como uma forma favorável de compreender a situação vivida pela criança e permite que o adulto tenha um acesso mais completo ao universo infantil. A ludoterapia contribui para uma assistência mais humanizada à criança hospitalizada e, com foco no brincar, é capaz de fornecer suporte psicológico, educacional e motor, que ameniza os efeitos do processo patológico que a criança possa estar enfrentando (Silva et al., 2019).

Dessa forma, as atividades lúdicas realizadas nos hospitais têm o papel de impulsionar o processo de recuperação e adaptação das crianças, representando uma estratégia para lidar com as adversidades da hospitalização. Nesse sentido, o uso de atividades lúdicas no contexto hospitalar surge como uma oportunidade de promover um cuidado humanizado às crianças

hospitalizadas. Isso permite a aproximação entre os envolvidos, a formação de vínculos entre as crianças, os profissionais e a família, resultando em uma maior adesão ao tratamento (Silva & Lima, 2018).

Além disso, brincar, no processo terapêutico, também auxilia na adaptação da criança à realidade em que se encontra. Permitir que as crianças brinquem no ambiente hospitalar é uma maneira de ajudá-las a lidar com sua situação e também facilita a comunicação com a equipe médica, melhorando a interação e possibilitando que elas expressem seus sentimentos. Portanto, a prática de atividades lúdicas no contexto da psicoterapia, no ambiente hospitalar, contribui para a formação e fortalecimento de vínculos entre os envolvidos, além de proporcionar uma percepção diferente do ambiente de saúde. Isso resulta em uma maior colaboração por parte das crianças nos tratamentos realizados e diminui a sensação de ociosidade durante a internação (Mota et al., 2019).

Entre os principais objetivos da ludoterapia, destacam-se a redução da ansiedade e do trauma associado à rotina de hospitalização, o fortalecimento da estrutura familiar, a recuperação e/ou fortalecimento da autoimagem, da autoconfiança e da autoestima, e o estabelecimento de relações amigáveis e prazerosas que visam minimizar os obstáculos relacionados à doença e ao tratamento. Por isso, a ludoterapia deve ser vista como uma forma de promoção à saúde (Vieira et al., 2023).

Deste modo, o brincar terapêutico tem a capacidade de diminuir a ansiedade gerada pela hospitalização como nenhum outro brinquedo comum. A técnica de ludoterapia pode ser do tipo dramático (que permita encenação da sua experiência e emoções), capacitante de funções fisiológicas (brincadeiras que incentivam o autocuidado), ou preparatória (instrui a criança sobre as intervenções que serão feitas em seu corpo, facilitando a compreensão e esclarecendo dúvidas). Todos contribuindo para a continuidade do desenvolvimento infantil durante a hospitalização (Lopes et al., 2018).

Em destaque, a implementação do brinquedo terapêutico estruturado como parte do cuidado oferecido às crianças hospitalizadas permite analisar sua possível contribuição para a redução dos efeitos negativos do processo de hospitalização. Ao brincar, a percepção do ambiente hospitalar e dos profissionais se torna menos negativa, minimizando os impactos de uma hospitalização difícil. Adiante, o uso do brinquedo terapêutico ajuda as crianças a compreenderem a necessidade da internação e a vivenciar esse momento de forma mais leve (Caleffi et al., 2016).

Segundo Caleffi et al. (2016), ao permitir que as crianças brinquem com os materiais hospitalares e realizem os mesmos procedimentos que são feitos nelas, elas têm a

oportunidade de esclarecer dúvidas e curiosidades, reduzindo seus medos e compreendendo a necessidade desses procedimentos. Esse tipo de brincadeira ajuda as crianças a entenderem como determinado procedimento será realizado em seus corpos. Essa abordagem proporciona um ambiente mais familiar e acolhedor, ajudando a criança a lidar de forma mais positiva com os procedimentos médicos.

Ademais, a família desempenha um papel crucial na vida da criança, sendo uma fonte de segurança e apoio. Portanto, é importante incluir a família nos cuidados prestados, fazendo-as participar das sessões de brincadeiras terapêuticas. Isso contribui para que a criança se sinta mais tranquila e participativa. A aplicação do brinquedo terapêutico dentro do modelo de cuidado demonstra o potencial de contribuir para que este se torne mais abrangente e personalizado, levando em consideração as necessidades individuais de cada criança. Isso permite conhecer o infante e suas necessidades, planejar e realizar os cuidados necessários, e avaliar a eficácia das ações desenvolvidas. Assim, esse enfoque centrado na criança promove uma abordagem mais completa e eficaz no cuidado hospitalar (Caleffi et al., 2016).

A ludoterapia se tornou uma importante ferramenta no cuidado hospitalar, permitindo que as crianças expressem suas emoções, compreendam melhor a situação e tenham um espaço seguro para lidar com suas preocupações e medos. Essa abordagem contribui para uma assistência mais humanizada e efetiva, promovendo o bem-estar e o desenvolvimento saudável das crianças hospitalizadas (Barbosa & Crahim, 2019).

A terapia cognitivo-comportamental é uma das abordagens utilizadas em Ludoterapia, na qual a criança é ativa no processo terapêutico, sendo reconhecida sua eficácia. O brinquedo é utilizado como meio para a expressão dos sentimentos da criança. Dessa forma, para crianças que estão hospitalizadas, o tratamento através da ludoterapia é considerado importante, pois permite que elas expressem seus sentimentos, conflitos e dificuldades. Através do brincar, situações traumáticas e tristes que não são verbalizadas podem ser reveladas, proporcionando uma forma de expressão alternativa (Silva & Rocha, 2016).

A Terapia Cognitivo Comportamental tem o conceito de que as crenças, os pensamentos e as interpretações de um indivíduo diante de situações influenciam nas suas emoções e comportamento. A premissa básica da TCC está relacionada à afirmação de que um processo interno de cognição influencia as emoções e comportamentos de uma pessoa. Portanto, o modo como o indivíduo processa e interpreta as situações é o que pode gerar o sofrimento psicológico. A TCC é constituída por três princípios básicos: 1) o processo cognitivo afeta no comportamento; 2) a atividade cognitiva pode ser monitorada e modificada; 3) a alteração do comportamento pode ocorrer através da mudança cognitiva

(Sasaki, 2020).

A Terapia Cognitivo-Comportamental [TCC] é uma abordagem terapêutica que busca ajudar os pacientes a reconhecer e modificar padrões de pensamentos e comportamentos disfuncionais. Propõe um processo terapêutico direcionado à criação de uma aliança terapêutica, colaboração e participação ativa do paciente. Uma estratégia de intervenção utilizada na TCC é a psicoeducação, que envolve fornecer ao paciente informações sobre sua condição, de forma a facilitar a auto compreensão e o conhecimento necessário para prevenir problemas futuros (Sasaki, 2020).

A ludoterapia tem sido reconhecida como uma ferramenta eficaz, sendo a Terapia Cognitivo-Comportamental, indicada para potencializar os benefícios significativos no tratamento de crianças. Durante o período de hospitalização, é comum que a criança apresente desafios emocionais, como falta de confiança em si mesma, baixa autoestima e tristeza, entre outros sintomas. O ato de brincar proporciona à criança uma forma de expressar seus sentimentos, fantasias, medos e culpa. Além disso, ao brincar, a criança tem a oportunidade de compartilhar seus sentimentos, o que contribui para estimular a resolução de problemas, a busca pela cura emocional e a reabilitação (Silva & Rocha, 2016).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É através das atividades lúdicas que as crianças podem aprender a respeito do seu próprio corpo, dos procedimentos invasivos que irão passar e/ou pelos que já foram submetidas. É também através dessas atividades que elas podem adquirir conhecimentos sobre saúde de forma geral. É uma oportunidade de ensinar de maneira lúdica e acessível, tornando a aprendizagem mais prazerosa e significativa. Portanto, as técnicas de ludoterapia devem ser adaptadas de acordo com as necessidades e limitações de cada criança.

Os profissionais da Psicologia que atuam no contexto hospitalar devem estar atentos às características individuais de cada paciente, suas preferências e habilidades, para oferecer atividades adequadas e que promovam o bem-estar físico e emocional dessas crianças. Doravante, o brincar no ambiente hospitalar é uma ferramenta fundamental para proporcionar um atendimento humanizado e promover o desenvolvimento integral das crianças. Através das funções terapêutica, educativa e recreativa. As atividades lúdicas ajudam a transformar o ambiente hospitalar em um lugar mais acolhedor, onde as crianças possam ter experiências positivas e se adaptar melhor às situações que estão enfrentando.

A TCC aplicada à ludoterapia hospitalar se tornou uma possibilidade cada vez mais reconhecida, pois auxilia na minimização de angústias e do sofrimento psíquico da criança,

além de estimulá-la a se recuperar o mais rápido possível. Assim, a ludoterapia é um espaço para expressão de suas emoções, reconhecimento de suas vivências e ressignificação de tantas experiências intensas. Dar um novo sentido mais funcional viabiliza adaptação emocional e comportamental da criança.

REFERÊNCIAS

- Alves, L. R. B., Moura, A. S., Melo, M. C., Moura, F. C., Brito, P. D. & Moura, L. C. (2019). A criança hospitalizada e a ludicidade. *Revista Mineira de Enfermagem*, 23, 1-9.
- Araújo, R. A. S., Ribeiro, M. C. O., Sobral, A. L. O., Silva, F. A., & Faro, A. (2017). Uso de atividades lúdicas no processo de humanização em ambiente hospitalar pediátrico: relato de experiência. *Revista de Extensão da UFMG*, 5(1), 166-172.
- Associação Brasileira de Brinquedotecas-ABBri. (1985). <https://www.brinquedoteca.org.br/blog>
- Barbosa, G. A., Crahim, S. C. F. (2019). A importância do Lúdico no Contexto da Hospitalização. *Revista Mosaico*, 10(2), 26-31.
- Caleffi, C. C. F., Rocha, P. K., Anders, J. C., Souza, A. I. J., Burciaga, V. B., & Serapião, L.S., (2016). Contribuição do brinquedo terapêutico estruturado em um modelo de cuidado de enfermagem para crianças hospitalizadas. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, 37(2), 1-8.
- Cesário, F. A., Pinto, S. F. C., Aniceto, T. de F., Jardim, A. S. L., Araújo, C. M., & Torres, L. M. (2020). Papel da brinquedoteca na recuperação da criança hospitalizada sob a ótica de pais e responsáveis. *New Trends in Qualitative Research*, 3, 239–250.
- Estatuto da Criança e do Adolescente. (1990). Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990. https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm
- Lima, E. F. O., & Silva, N. K. S. (2019). Brinquedoteca hospitalares: uma revisão integrativa. *[TESTE] Gep News*, 2(2), 245-251.
- Lopes, F. P. D. S., Nascimento, J. G. C. D., & Cartaxo, L. D. S. (2018). A Influência da recreação terapêutica frente a recuperação da criança hospitalizada. *Revista UFG*, 18(24), 426-437.
- Mota, H. V. A., da Silva, M. R., & dos Santos Júnior, C. J. (2019). Intervenção à Criança Hospitalizada e Ludoterapia: Revisão Integrativa. *Revista Portal: Saúde e Sociedade*, 4(2), 1141-1151.
- Muñoz, R. G., Pinto, H.G., Dias, I.S., Abreu, M.O., Alves, D. (2021). A brincadeira livre na Educação de Infância – refletindo sobre as concepções dos educadores de infância. *Atas da Décima Conferência Internacional: Investigação, Práticas e Contextos em Educação da Escola Superior de Educação e Ciências Sociais Politécnico de Leiria*. Escola Superior de Educação e Ciências Sociais Politécnico de Leiria.

Oliveira, T. N., & Palmeira, A. T., (2018). As funções do brincar para criança hospitalizada. *Revista psicologia, diversidade e saúde*. 7(1), 89-100.

Organização das Nações Unidas -ONU. (1948). *Declaração Universal dos Direitos Humanos*. <https://nacoesunidas.org/wp-content/uploads/2018/10/DUDH.pdf>

Paula, I. D. S. D. (2022). *Atividades lúdicas na pediatria hospitalar: contribuições para a recuperação da criança*. [Monografia de licenciatura, Universidade Estadual do Rio Grande do Sul].

Sampaio, L. T. V. (2022). *A Importância da Brinquedoteca Hospitalar*. [Trabalho de conclusão de curso, Centro Universitário – UNICEPLAC].

Santos, A. C. P. de O., Vargas, M. A. de O., Camargo, C. L. de, Forte, E. C. N., Nepomuceno, C. M. A., & Ventura, C. A. A. (2023). Desafios para o exercício da advocacia em saúde à criança hospitalizada durante a pandemia COVID-19. *Acta Paulista de Enfermagem*, 36, 1-9.

Sasaki, A. (2020). *Terapia Cognitivo-Comportamental: Ludoterapia para diagnóstico e tratamento no Transtorno de Ansiedade Generalizada em Criança*. [Trabalho de conclusão de curso, Centro Universitário UNIFAAT].

Silva, N. K. S. da, & Lima, E. F. de O. (2018). O uso das atividades lúdicas no atendimento humanizado as crianças hospitalizadas: uma revisão integrativa da literatura. *Gep News*, 2(3), 24–30.

Silva, A. V., & Rocha, A. C. (2016). Ludoterapia no tratamento terapêutico da depressão infantil: um estudo a partir do pensamento cognitivo-comportamental. *Uningá Review*, 28(1), 61-69.

Silva, E. M., Souza, M. O., Teixeira, V. P. G., (2019). Contribuições da ludoterapia para crianças hospitalizadas. *GEPNEWS*, 2(2), 505-511.

Vieira, L. A., Maria, J. D., Casagrande, K., & Mendes, V. E. (2023). O papel social da brinquedoteca hospitalar no processo de inclusão da criança hospitalizada. *Educere- Revista da Educação da UNIPAR*, 23(2), 626-641.